

O QUE É FILOSOFIA PARA MIM A PARTIR DA FILOSOFIA DO ENSINO DE FILOSOFIA NO MESTRADO PROFISSIONAL?

WHAT IS PHILOSOPHY FOR ME FROM THE PHILOSOPHY OF PHILOSOPHY TEACHING IN THE PROFESSIONAL MASTER?

Emerson Araújo de Medeiros¹

Recebido em: 05/2018

Aprovado em: 07/2018

Resumo: A pesquisa intitulada “O que é filosofia para mim a partir da filosofia do ensino de filosofia” no mestrado profissional tem como principal objetivo abordar de forma introdutória aspectos importantes do ensino de filosofia tendo por base a filosofia da ação de Maurice Blondel. A escolha do título da pesquisa justifica-se por buscar desde o primeiro instante introduzir elementos da filosofia de Maurice Blondel a partir de uma definição do que seja filosofia do ponto de vista particular do autor. O problema é aquele de apresentar uma perspectiva particular e consciente do que seja filosofia e como proceder no Ensino Médio. A pesquisa desenvolve-se sob a ótica das aulas da disciplina “a filosofia do ensino de filosofia” no mestrado profissional.

Palavras-Chaves: Ensino. Filosofia. Ação. Reflexão. Prospecção.

Abstract: The research entitled "What is philosophy for me from the Philosophy of Philosophy Teaching" in the professional master's degree has as main objective to approach in an introductory way important aspects of the teaching of philosophy based on the philosophy of action of Maurice Blondel. The choice of title is justified by seeking from the outset to introduce elements of the philosophy of Maurice Blondel from a definition of what philosophy is from the point of view of the author. The problem is that of presenting a particular and conscious perspective of what philosophy is and how to work this thought in High School. The research is developed from the perspective of the classes of the discipline "philosophy of teaching philosophy" in the professional master's degree.

Key-Words: Teaching. Philosophy. Action. Reflection. Prospecction.

Introdução

O tema que se discute nesse trabalho é fruto de discussões ocorridas no Mestrado Profissional (UERN-Caicó) na disciplina Filosofia do Ensino de Filosofia. O que se apresenta é a partilha de alguns momentos de intensas reflexões e debates realizados na sala de aula entre docentes/discentes que se esforçam para repensar suas convicções, conceitos e práticas educativas desenvolvidas no Ensino Médio.

¹ Prof-Filo/UERN. Email: emerson.caico@hotmail.com

O título “O que é filosofia para mim a partir da filosofia do ensino de filosofia” trata de uma reelaboração por parte do autor que faz um esforço procurando obter elementos mais concretos para trabalhar a filosofia na educação básica, principalmente ancorado nos propósitos e objetivos lançados pelo mestrado profissional.

O leitor encontrará nessas páginas um caminho pensado a partir de uma concepção filosófica própria, apoiada na filosofia da ação de Maurice Blondel, considerado o filósofo intercessor e do qual se partirá a prática docente de agora em diante. O desafio que se tem pela frente é pensar a filosofia filosofando e, assim, adquirir um caminho de se conceber a filosofia no Ensino Médio não como repetições dos conteúdos dos livros didáticos, mas pensando a filosofia numa perspectiva nova, de um docente que busca fazer filosofia com estudantes da rede básica de ensino incentivando-os a se tornarem sujeitos autônomos e conscientes de si.

A partir desses pressupostos, sabe-se que não é tarefa fácil ensinar e trabalhar a filosofia e filosofar. Muito pelo contrário, pela sua amplitude histórica, por ser aberta, não conclusiva, ela põe o docente e estudante a caminho da construção e atenção frente aos desafios que se apresentam cotidianamente na educação básica.

Filosofia e sala de aula entre pensamentos e certezas

Há alguns meses, foi iniciada uma discussão no mestrado profissional que tinha como objetivo um maior conhecimento, aprofundamento e reflexão sobre como ensinar filosofia na perspectiva da “Filosofia do Ensino de Filosofia”, nome da disciplina do Mestrado Profissional. O mais interessante é que o debate se deu não numa focagem pedagógica e didática, como de costume acontece, mas filosófica e exigindo com isso um repensamento sobre os aspectos presentes e implícitos na relação filosofia, ensino, filosofar e sala de aula. Percebe-se que havia chegado a hora de ensinar filosofia filosofando e trabalhá-la numa perspectiva construtiva e marcada por originalidade e maturidade intelectual dos componentes envolvidos nessa empreitada.

O ponto de partida de toda a reflexão em sala de aula da disciplina “Filosofia do Ensino de Filosofia” era a seguinte questão: “O que é filosofia para mim?” Por incrível que pareça, de forma unânime, todos que ali estavam se depararam, de certa maneira, com algo inusitado: a não convicção sobre qual ótica se fazia filosofia em sala de aula, ou ainda, a não existência de um filósofo intercessor que se pudesse trabalhar a filosofia no Ensino Médio sob uma perspectiva clara e coerente.

A partir desse momento, no qual era iniciada uma trajetória nova e repensando os procedimentos em salas de aula do Ensino Médio, chegou-se à conclusão de que, na forma de ser professor de filosofia, faltava algo, e era esse ingrediente que precisava investir de agora em diante: adotar uma postura filosófica ou um filósofo que viesse auxiliar a fazer filosofia filosofando na educação básica. Certamente essa atitude exigirá compreender com profundidade o que o filósofo interessor pensa sobre a vida, a realidade, as coisas e o conceito que ele tem de filosofia. Então, responder à pergunta ‘o que é filosofia para mim?’, é antes de qualquer coisa se dá conta de que ainda não somos filósofos suficientes ou não foi atingida a maturidade intelectual para pensar por nós mesmos, fazendo filosofia. Necessita-se de um pensador ao qual se tenha identificação, que venha auxiliar na elaboração de conceitos e perspectivas a partir de uma ótica clara.

O foco central da sala de aula de filosofia não poderia se ancorar simplesmente na mera transmissão de conteúdo do livro didático, obviamente é importante, mas o necessário agora é discutir a filosofia filosofando. E é justamente esse aspecto que se deve levar em conta no Mestrado Profissional: pensar a filosofia a partir de um autor específico e unir teoria e prática, conhecimento e ação nas aulas do Ensino Médio através de uma intervenção prática e integrativa entre docente e estudantes.

Coloca-se num caminho de construção do pensamento, de um sujeito pensante em ebulição que tenta reconstruir uma nova postura e atividade filosófica, com mais significados e desafios na perspectiva do filosofar. Para que essa postura tenha êxito, faz-se necessário afetar-se pela filosofia para em seguida afetar os alunos sobre a validade do pensamento filosófico e sua necessidade na construção do conhecimento humano e intelectual.

Dessa forma, após todo o desenrolar das aulas e há tempo buscando compreender melhor a condição de professor de filosofia no Ensino Médio, chega-se à conclusão de que existe uma identificação pessoal com a corrente fenomenológica de Maurice Blondel na obra *L'Action* (1893), descrita na perspectiva da ação e oportunamente esclarecida por Galileu de Souza (2014, p. 48): “a fenomenologia não tem como objeto fornecer um correlato abstrato e ideal da ação, mas elucidar a prospecção (nossa experiência vivida) pela reflexão, de modo a contribuir para a consumação de nossa ação”.

A filosofia é pensada por Maurice Blondel como o exercício da autocompreensão humana situada na história, a tentativa mais pretensa de aprofundar sua elucidação experiencial, ou seja, tornar mais claro a relação entre subjetividade e objetividade, teoria e prática. Ela é vista como um movimento constante porque a história é dinâmica e suscita sempre novas

relações de vida e de mundo, assim como questões fundamentais que emergem em épocas e contextos diferentes. Seguindo essa linha, o filosofar é “formular adequadamente os problemas, no contato com o chão da experiência, para encaminhar o pensamento às soluções efetivas” (PIMENTEL, 2012, p. 149).

Assim, a filosofia está em condições de manter-se em contato direto com a experiência do homem e, por conseguinte, expressar-se na experiência vivida do sujeito.

Segundo Vila-Chã (1993, p. 324):

A filosofia transforma-se na experiência de um amor diferente, no efusivo carácter de uma experiência de abertura ao *por-vir* implicado na fecundidade da própria acção. Graças a ela, a *vida intelectual* assume igualmente como sua a tarefa de desvendar, por entre o anonimato de uma imanência radical no ser, a efectiva possibilidade de uma existência, ou seja, de uma acção, inteiramente centrada no essencial e, desse modo, apta revelar o ponto axial, fulcro ético-religioso da vida, a partir do qual, com ou sem nós, sempre brota o *acto-de-ser* que, como em tudo, nos faz.

Como para Blondel a filosofia é a elucidação da experiência vivida, a relação entre conhecimento e ação é fundamental para qualquer prática de seu ensino. Para uma compreensão de filosofia que vai por esse caminho, uma primeira consequência é que “o ponto de partida da pesquisa filosófica não pode ser justificado como sendo desejo de conhecer por conhecer [...]” (SOUZA, 2014, p. 141).

Nessa direção, em filosofia, torna-se necessário pensar o conhecimento em sua relação com a vida prática, isto é, precisa-se tematizá-la de acordo com a ação humana. Mas, o que vem a ser a ação humana? A ação, para Maurice Blondel (BLONDEL, 1996, p. 52):

é a síntese do conhecer, do querer e do ser, o vínculo do composto humano, que não se pode dividir sem destruir tudo o que se foi destruído. É o ponto preciso onde convergem o mundo do pensamento, o mundo moral e o mundo da ciência. Se tudo isso não se unisse na ação, tudo estaria perdido.

A ação é compreendida como o movimento total da vida que inclui o pensamento, a vontade, a atividade e o ser mesmo do homem enquanto dinamismo e energia. Dessa forma, a filosofia de Blondel alerta que não há como prescindir da ação humana para a pesquisa filosófica, e, conseqüentemente, para seu ensino (BLONDEL, 1996).

Assim, a filosofia não representa nem responde a uma mera questão de pura intelectualidade, mas expressa a pessoa na sua totalidade e experiência mais profunda. Maurice Blondel elabora a sua filosofia pensando a partir do sujeito existencial, do homem concreto, um

sujeito cognoscente e atuante, comprometido e sempre mergulhado nas situações. De acordo com essa compreensão, a filosofia busca determinar o conteúdo do pensamento e os postulados da ação, porque é dela (da ação) que deve partir o exercício do pensar.

Esta é a convicção e certeza que se chega ao término da disciplina “Filosofia do Ensino de Filosofia”: abordar a filosofia numa perspectiva blondeliana no qual pensa a filosofia não como somente reflexão, nem simplesmente atitude crítica e intuição psicológica. Mas se dá através da definição e elucidação de dois termos: prospecção e reflexão. O primeiro é a experiência vivida, o conhecimento direto e intuitivo que se orienta para a ação, ou seja, o conhecimento sintético, prático e finalista. Ele é a capacidade de resumir num ato de aparência simples um grande número de experiências passadas, sob a inspiração de um grande número de ideias e de movimentos futuros. O segundo se refere à especulação sobre o viver e o agir, um conhecimento indireto, um conhecimento já atuado. A reflexão é uma retrospectiva do já vivido e realizado (BLONDEL, 1997).

Em suma, para Maurice Blondel a filosofia tem como ponto de partida a relação entre prospecção e reflexão e, a partir desse dinamismo, nasce o filosofar. Na reflexão se representa o já experimentado, o já acontecido, o já atuado, chegando até o tempo presente do sujeito. É ela uma análise retrospectiva de acontecimentos passados que busca elucidar a própria experiência. Nesse aspecto, os conceitos são uma recordação do já vivido e atuado. Por outro lado, a prospecção ou reflexão prática é entendido como um conhecimento direto. É um conhecimento sintético e traz consigo as experiências passadas. Porém, convém deixar claro que para Maurice Blondel essa distinção entre reflexão e prospecção não é absoluta, mas elas se integram e se complementam na realidade do sujeito agente.

Considerações finais

Feitas as devidas considerações, a filosofia torna-se abertura ao diálogo. Uma oportunidade para construir junto aos estudantes uma ponte de relação que realmente faça sentido na vida particular de cada um. Nesse aspecto, o que se deseja é incentivá-los a pensarem a própria existência, a vida, o mundo, a realidade, as relações culturais, sociais, éticas e políticas na perspectiva da ação, mais especificamente na dinâmica da reflexão e da prospecção como propõe a filosofia de Maurice Blondel.

Assim, pode-se pensar a filosofia como tarefa enquanto nasce da integração entre reflexão e prospecção, pensamento e vida, e se propõe completá-la e torná-la plena. Quanto maior for essa interação, maior e mais completo será o trabalho filosófico, que se esforçará para

integrar teoria e vida prática.

O caminho é de construção, de um sujeito pensante que se sente afetado pela filosofia e quer construir uma nova postura e atitude filosófica na sala de aula da educação básica. Diante dos desafios o que se pretende é cada vez mais introduzir os estudantes no processo do filosofar e, conseqüentemente, fazer filosofia filosofando.

Portanto, chega-se à conclusão de que esse processo de descobrir a melhor forma de fazer filosofia e filosofar é aberto ao infinito e está sempre por construir. Ensinar filosofia é um desafio no qual nunca se tem um porto seguro, é perspectiva construtiva, como bem disse Leibniz: “eu acreditava entrar no porto, mas... fui jogado novamente em pleno mar” (DELEUZE e GUATTARI, 2013, p. 30, apud LEIBNIZ, p. 12). Buscou-se nesse trabalho fazer uma avaliação a partir do presente, olhando atentamente o passado e projetando o futuro e a convicção no momento é aquela de encontrar na filosofia da ação de Maurice Blondel elementos para o filosofar e, principalmente, uma identidade filosófica.

Referências bibliográficas

- BLONDEL, Maurice. **L’action**: essai d’une critique de la vie et d’une science de la pratique (1983). Paris: PUF, 1950. (1a ed. Quadrige 1993).
- BLONDEL, Maurice. Le point de départ de la recherche Philosophique (1906). In: **Ouvres Complètes II, 1888-1913**. La Philosophie de L’Action et la crise moderniste. Paris: PUF, 1997c p. 527-569.
- BLONDEL, Maurice. **La Accion (1893)**: ensayo de una critica de la vida y de una ciencia de la práctica. Madrid, Biblioteca de Autores Cristianos, 1996.
- BLONDEL, Maurice. **El punto de partida de la investigación filosófica**. Traducción de Jorge Hourton. Madrid: Encuentro Ediciones, 2005.
- DELLEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é Filosofia?** Rio de Janeiro: Editora 34, 2013.
- PIMENTEL, Álvaro. Maurice Blondel: A ação criadora e o apelo da norma. In: CARDOSO, Delmar (Org.). **Pensadores do século XX**. São Paulo, Loyola: Paulus, 2012.
- SOUZA, Galileu Galilei Medeiros de. **O problema da metafísica e a filosofia da ação**: ensaio sobre a possibilidade da metafísica por meio da crítica à superstição. João Pessoa, 2014. (Tese de doutorado). Disponível em: <http://tede.biblioteca.ufpb.br/bitstream/tede/5670/1/arquivototal.pdf>. Acesso em 15 de outubro de 2016, às 15h.1.
- VILA-CHÃ, João J. Maurice Blondel. In: **Revista Portuguesa de Filosofia**. TOMO XLIX – FASC. 3. Braga: Tipografia Franciscana, 1993.